

### A relação do primeiro governo trabalhista de Leonel Brizola e Darcy Ribeiro com os jornais de maior circulação na cidade do Rio de Janeiro: 1982-1987

Márcio da Fonseca\*

#### Resumo

Este artigo tem o objetivo de analisar a relação do primeiro governo de Leonel Brizola e Darcy Ribeiro com os periódicos de maior circulação no estado do Rio de Janeiro, especialmente o *Jornal do Brasil* e o *Jornal O Globo*. Demonstra-se que, apesar da postura crítica desses veículos em relação ao governo trabalhista, Brizola e Darcy souberam utilizar esses mesmos jornais para se defenderem dos ataques que sofriam, para atacar os seus críticos e até para promover as suas realizações, principalmente os chamados Centros Integrados de Educação Pública, os CIEPs.

**Palavras-chave:** Leonel Brizola; Darcy Ribeiro; Imprensa; CIEP.

#### Abstract

This article has the goal of analyzing the relation between Leonel Brizola and Darcy Ribeiro's first government with the most widely circulated periodicals in the state of Rio de Janeiro, specially "*Jornal do Brasil*" and "*Jornal O Globo*". It demonstrates that, in spite of the critical approach by those media outlets in relation to the workers government, Brizola and Ribeiro knew how to use those same journals to defend themselves, attack their own critics and even promote their accomplishments, mainly the called "Centros Integrados de Educação Pública" or "CIEPs".

**Keywords:** Leonel Brizola; Darcy Ribeiro; Press; CIEP.

#### Introdução

A imprensa ocupa um lugar privilegiado no processo de produção do conhecimento histórico. Existe entre essas duas áreas uma relação rica, duradoura e complexa. Depois que René Remond e um grupo de historiadores defenderam uma renovação da história política, a partir do final do século XX, essa relação tornou-se ainda mais frutífera.

A renovação em questão sugeriu novas formas de se abordar a história política. O próprio René Remond definiu essa nova abordagem como sendo o processo de análise do "Estado, do poder

---

\* Graduado em História pela Universidade Federal Fluminense e Mestre em História da Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor de História das redes públicas municipais de ensino do Rio de Janeiro e de Duque de Caxias.

e das disputas por conquistas ou conservação das instituições em que ele se concentrava, as revoluções que o transformavam” (REMOND, 1995, p. 15). Após essas mudanças, a história política passou a se apropriar de problemas que antes não faziam parte do seu campo de atuação e, ao mesmo tempo, começou a propor novas abordagens para questões que a escola factual novecentista tratava como verdades inquestionáveis.

A ampliação do campo de ação do poder público também influenciou de uma forma direta essa nova linha de pesquisadores. A atuação em áreas como a educação, a saúde, a cultura, passaram a ser domínio também da história política. Além disso, as relações que algumas instituições, como a imprensa, mantinham com o poder, despertou o interesse de diversos pesquisadores. Novos estudos sobre a imprensa tornaram-se cada vez mais comuns, propostas de como tratar essa área, formas diferentes das escolas historiográficas tradicionais, ganham relevância. Essa renovação possibilitou que novos aspectos passassem a ser levados em consideração.

Ao longo deste artigo destacam-se alguns aspectos, como: a utilização da imprensa enquanto uma importante fonte histórica, o entendimento de que a imprensa é um ato político com interesses próprios, a percepção de que esses interesses políticos da imprensa são diversificados e complexos. Essas observações serão realizadas levando em consideração o período de campanha eleitoral e o primeiro governo de Leonel Brizola e Darcy Ribeiro no estado do Rio de Janeiro, que ocorreram entre 1982 e início de 1987.

Destacaremos as relações dos trabalhistas com dois periódicos específicos, *O Jornal do Brasil* e *O Globo*. Esses veículos foram escolhidos não apenas por serem os de maior circulação no estado do Rio de Janeiro, na época, mas também por Brizola e Darcy terem utilizado os espaços desses jornais para responder as críticas e também para divulgar suas propostas sobre educação e sobre a retomada dos projetos nacionais interrompidos pela ditadura militar, em 1964.

Houve, portanto, nas páginas desses dois periódicos, um intenso debate público sobre o projeto de governo que os trabalhistas tinham para o estado do Rio de Janeiro. Esse projeto, a princípio circunscrito ao estado do Rio de Janeiro, poderia ser colocado em prática em todo o país tão logo ocorresse o fim da ditadura militar e a retomada da vida democrática, com a realização de eleições diretas para o cargo de presidente da república.

## Aspectos teóricos e metodológicos para a utilização da imprensa em pesquisas de história

A imprensa, como mencionado, teve um papel de extrema relevância nesse processo de renovação da história política. Segundo a historiadora Tânia de Luca (2005, p. 128), a imprensa foi uma das principais fontes utilizadas nesse processo: “as renovações no estudo da história política, por sua vez, não poderiam dispensar a imprensa que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder”. Para essa historiadora a imprensa oferece diferentes possibilidades de pesquisa e análise, por terem existido órgãos de “imprensa militante” assim como instituições que aceitaram colaborar com o poder estabelecido. Tânia de Luca (2005, p. 130) conclui que ocorreu no Brasil uma generalização do uso dos periódicos em pesquisas a partir dos anos 1980:

Os exemplos poderiam ser multiplicados, mas importa destacar que (...) a importância da palavra impressa nos periódicos está plenamente assente. O seu uso generalizou-se a ponto de tornar-se um dos pontos distintivos da produção acadêmica brasileira a partir de 1985.

A imprensa, todavia, não deve ser tomada apenas como uma fonte histórica. Como assinala o cientista político João Trajano do Sento-Sé, ela também deve ser considerada como um importante ato político presente no debate público:

Ela, de fato, é campo privilegiado onde diversos atores veiculam suas posições e travam confrontos com seus concorrentes, não é menos verdadeiro que a mídia, no mundo moderno, ocupa um papel ativo e criativo nos debates ocorridos na esfera pública. Mais ainda, ela é um dos poderosos criadores e definidores da arena política (SENTO-SÉ, 1999, p. 30).

Essa atuação política da imprensa caracteriza-se por ser extremamente complexa. Como lembra Tânia de Luca (2005, p. 130), existe dentro dos jornais uma gama variada de interesses em jogo desde os anunciantes, aos jornalistas, editores e o dono da empresa:

As ambiguidades e hesitações que marcaram os órgãos da grande imprensa, suas ligações cotidianas com diferentes poderes, a venalidade sempre denunciada, o peso dos interesses publicitários pode ser apreendido a partir de determinadas conjunturas.

O historiador francês Jean-Noel Jeanneney acrescenta um ponto interessante a essa discussão ao chamar atenção para a complexidade política da imprensa, de uma forma geral. Para ele, as disputas políticas de âmbito nacional repercutem de forma direta nas diversas formas de mídia:

## A relação do primeiro governo trabalhista de Leonel Brizola...

Na vida cotidiana de um jornal, de uma rádio, de uma televisão, se reflete constantemente a vida política do país. Com todas as deformações que queira, vê-se aí resumido, reunido, com relevos acentuados o jogo que é jogado no mundo político (JEANNENEY, 1996, p. 225).

A imprensa, portanto, não é um ato político com posições únicas. Trata-se de um personagem com posicionamentos variados e complexos. Dentro dessa complexidade, a análise das editoriais dos jornais tem uma importância fundamental. Segundo Jeannenay (1996, p. 222-223), os editores mantêm relações que ultrapassam os espaços das redações dos jornais. Ele propõe que os analistas tenham atenção também com o que ocorre fora das redações: “é necessário sair do microcosmo das redações e aprender o meio em seu conjunto, considerar os vínculos que os une: os restaurantes que frequentam, os clubes que estão associados”.

A análise dessas redações, portanto, é um processo que demanda atenção e perspicácia dos pesquisadores a fim de se identificar as ligações políticas que as equipes de redatores possuem:

As redações, tal como salões, cafés, livrarias, editoras, associações literárias e academias, podem ser encaradas como espaços que aglutinam diferentes linhagens políticas e estéticas, compondo redes que conferem estrutura ao campo intelectual e permitem refletir a respeito da formação e estruturação e dinâmica deste. Nessa perspectiva, o sumário que se apresenta ao leitor resulta de uma ‘intensa atividade de bastidores’, cabendo ao pesquisador recorrer a outras fontes de informação para dar conta do processo que envolve a organização, o lançamento e a manutenção do periódico (LUCA, 2005, p. 141).

Veremos adiante que posturas de crítica, adesão e alegada imparcialidade dos principais órgãos de imprensa do Rio de Janeiro em relação ao governo Brizola variavam de acordo com a posição política de seu proprietário e com os posicionamentos assumidos pelo corpo de editores que essas instituições mantinham.

A mudança dos editores de um periódico poderia significar a mudança do posicionamento político do jornal, passando a assumir posturas de oposição ou apoio. O mesmo pode ser dito em relação a satisfação ou insatisfação dos proprietários dos jornais com alguma atitude específica, ou interesse negligenciado por alguma instância governamental.

## A relação de Leonel Brizola com a imprensa

A fim de mapear os atores e o papel desempenhado por eles no enorme debate político que envolveu o primeiro governo de Leonel Brizola no estado do Rio de Janeiro, faz-se necessário ressaltar que na década de 1980, a imprensa escrita, principalmente os jornais diários, tinham um alcance muito

maior do que nos dias atuais. Veículos como *O Globo e o Jornal do Brasil* tinham tiragens diárias inimagináveis para os nossos padrões. Ter visibilidade nesses meios era, como assinala o cientista político João Trajano Sento-Sé, fundamental para qualquer político: “houve um tempo, ainda não muito longínquo, em que a imprensa escrita era um instrumento eficaz e fartamente utilizado na divulgação dos valores e posições dos partidos políticos” (SENTO-SÉ, 2004, p. 52).

Brizola não abriu mão desse importante meio para difundir as suas ideias e projetos, ao contrário, deu muita importância a essa forma de se comunicar com os seus eleitores e com o público em geral. Segundo a pesquisadora Mônica Rodrigues (2008, p. 68), Brizola “sempre expressou a sua opinião de forma contundente e travou debates pela imprensa, parecendo ser esse o seu jogo preferido com os adversários”. A comunicação sempre esteve intrinsecamente ligada à história de vida de Leonel Brizola. O líder trabalhista foi adotado, quando criança, por uma família protestante e ele não só passou a conviver com os longos sermões praticados por esse credo, como dominava com maestria a oratória para realizá-los (RODRIGUES, 2008, p. 73).

A ligação de Brizola com os meios de comunicação começou ainda durante a sua juventude, na década de 1950, quando tinha um programa de rádio que era um grande sucesso no Rio Grande do Sul, todas as sextas-feiras. Segundo o próprio Brizola esse programa foi:

muito importante na minha carreira. Era tanto sucesso que as outras rádios da região não vendiam mais o horário e eu praticamente passei a falar em cadeia. Depois de tempo, com experiência, entrei numa espécie de pregação porque tive uma formação protestante, falava durante horas, sem problemas (BRIZOLA, 1998 *apud*: RODRIGUES, 2008, p. 73).

Nesse período, Brizola costumava se apresentar também como membro da imprensa, fazendo questão, inclusive, de exibir a sua identidade de jornalista, já que, naquela época, não existia a cobrança de se cursar faculdade específica para essa carreira. Na década seguinte, o líder trabalhista voltou a ter uma experiência com o rádio, dessa vez defendendo a legalidade democrática após a renúncia de Jânio Quadros, no movimento que garantiu que João Goulart pudesse assumir a presidência da República conforme previa a Constituição (RODRIGUES, 2008, p. 70).

Ainda nesse período anterior ao exílio político, Mônica Rodrigues identifica alguns momentos em que as circunstâncias levaram Brizola a ter alguns desentendimentos com a imprensa. O primeiro deles foi em uma querela pessoal com o jornalista David Nasser, da revista *O Cruzeiro*, empresa de propriedade de Assis Chateaubriand, que realizava uma perseguição implacável a Brizola quando ele exercia o cargo de governador do Rio Grande do Sul. Essa perseguição irritou tanto o jovem

governador gaúcho que o levou a protagonizar uma briga com esse periodista em um encontro casual em um aeroporto (RODRIGUES, 2008, p. 72).

O segundo momento ocorreu ainda na década de 1950, quando a imprensa fazia oposição ferrenha contra o grande mestre político de Brizola, Getúlio Vargas. Essas circunstâncias acabaram culminando com o suicídio do Presidente, e, segundo a compreensão de Brizola e de vários trabalhistas de então, a imprensa foi uma das grandes culpadas por essa tragédia. O terceiro momento ocorreu com o golpe de 1964, época em que Brizola considerou a atuação da imprensa fundamental para a vitória dos militares (RODRIGUES, 2008, p. 74).

Depois que voltou do exílio, em 1979, Brizola já estava escaldado em relação à atuação da imprensa e procurou manter com ela uma relação ambígua: sabia da sua importância e também dos riscos que representava. Em virtude dessa experiência pretérita, Brizola optou por manter uma relação amistosa com alguns veículos em momentos políticos específicos e com outros fez questão de manter uma certa distância, mas sem o rompimento definitivo.

Na década de 1980, os órgãos de comunicação de maior capital simbólico, pela difusão e alcance de suas notícias, eram o *JB*, *O Globo*, a *TV Globo*, a *TV Manchete*, e as revistas *Veja* e *Isto é*. Ao apoiar a *TV Manchete* e o *JB*, distribuindo verbas publicitárias do governo do estado para esses veículos (mas sem deixar de anunciar nas Organizações Globo). Brizola tentou construir a sua rede de apoio na imprensa, à maneira de Vargas (RODRIGUES, 2008, p. 72)<sup>2</sup>.

Posteriormente, as seguidas críticas de veículos de comunicação como o *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *O Estado de São Paulo* e *A Folha de São Paulo* às iniciativas de seu governo, levaram Brizola a reagir. Segundo o historiador Américo Freire (2011, p. 32), Brizola passou a utilizar uma poderosa arma para enfrentar esses inimigos e outros tantos órgãos da imprensa que lhe faziam oposição, os *tijolões* ou *tijolaços*:

Leonel Brizola, nas décadas de 1980 e 1990, valendo-se do prestígio do seu nome junto a correligionários, levantou recursos para publicar sistematicamente artigos na grande imprensa brasileira, os quais passaram a ser conhecidos como tijolaços ou tijolões. Durante cerca de quinze anos, Brizola usou e abusou daquele espaço, seja combatendo seus inimigos políticos, estivessem eles à direita ou à esquerda, seja prestando contas de sua administração como governador do Rio de Janeiro, ou ainda divulgando ideário nacionalista do *novo trabalhismo*.

---

<sup>2</sup> Veremos adiante que essa relação com o *Jornal do Brasil* nem sempre foi assim tão amistosa como defende a pesquisadora.

Darcy Ribeiro, por sua vez, nunca teve essa ligação orgânica com a imprensa antes do golpe militar de 1964. Sua carreira foi estruturada no ensino superior, em autarquias e outras repartições públicas do governo federal. Sua aproximação com Brizola depois do exílio, acabou forçando-o a utilizar a imprensa para responder a algumas críticas. Entrevistas, artigos, contribuições nos chamados *Tijolões* e discussões polêmicas contra aqueles que se posicionavam contra as propostas trabalhistas passaram a ser algumas das estratégias utilizadas por Darcy nesse período.<sup>3</sup>

Os dois principais jornais da capital fluminense, *O Globo* e o *Jornal do Brasil*, foram implacáveis com a gestão do governo trabalhista, cada um a seu tempo. Os CIEPs, assim como todas as demais ações e realizações do governo Brizola, passaram por um amplo debate público nas páginas desses veículos. As críticas sempre prevaleceram, embora os dois jornais tenham passado também por períodos de relativa moderação em relação ao governo do estado, em virtude de conjunturas políticas específicas e dos interesses particulares desses veículos.

## A relação de Brizola com a imprensa carioca

A relação de Leonel Brizola com a imprensa carioca foi marcada por muita polêmica desde o momento em que escolheu a cidade como seu domicílio eleitoral, ainda em 1962. Inicialmente, os jornais alinhados com um de seus maiores opositores do período, o governador Carlos Lacerda, inclusive a *Tribuna da Imprensa* que pertencia ao político udenista, travara uma verdadeira guerra contra o ex-governador gaúcho, assim como os jornais ligados aos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand. O grande empresário do setor jornalístico foi um opositor declarado de Brizola desde que se tornou governador do Rio Grande do Sul, no final da década de 1950.

Na volta do exílio, durante a disputa eleitoral de 1982 e durante o seu mandato como governador do Rio de Janeiro, essa relação com a imprensa continuou cercada por muitas polêmicas. Logo no processo eleitoral de 1982 surgiu o chamado escândalo da PROCONSULT, um esquema denunciado por alguns jornalistas em que a empresa responsável pela apuração dos votos, chamada PROCONSULT, o Serviço Nacional de Segurança (SNI) e o jornal *O Globo* tentariam mudar os

---

<sup>3</sup> Darcy, pelo que as pesquisas nos indicaram, realizou debates mais intensos na defesa dos CIEPs e de outros projetos trabalhistas em uma outra instância de discussão, entre os intelectuais e acadêmicos. A oposição aos trabalhistas no meio universitário foi particularmente intensa e Darcy Ribeiro não tardou a responder a todos esses críticos. Ele escreveu artigos em revistas especializadas e na própria imprensa escrita defendendo os ideais trabalhistas e, ao mesmo tempo, atacando seus detratores. Suas críticas foram particularmente intensas contra os pedagogos, a quem chegou a chamar de “vadios”, porém sociólogos e cientistas sociais também não foram poupados de suas respostas provocativas.



resultados da eleição para o governo do estado, favorecendo o candidato do PDS, Moreira Franco. Se não fosse a contagem paralela e a publicação do resultado dessa contagem feita pelo *Jornal do Brasil*, dificilmente Brizola teria sido homologado como vitoriosos pelo TRE.<sup>4</sup>

Mesmo sem ocorrer uma investigação séria sobre o caso, que acabou sendo arquivado e sem nenhuma punição ou processo aberto contra as instituições citadas, ficou muito claro para Brizola e os trabalhistas a oposição de uma parte significativa da imprensa carioca ao seu governo.

### O *Jornal do Brasil*: o primeiro oponente de Brizola

Apesar desse conflito político travado com o jornal *O Globo* e com a *TV Globo* antes mesmo do final da eleição de 1982, o grande oponente do governo trabalhista nos dois primeiros anos de mandato, 1983 e 1984, foi o *Jornal do Brasil*. A leitura crítica das fontes sugere que essa postura do *JB* nesse período específico se explique pela posição antibrizolista que seus editores passaram a ter a partir de 1983 e pela mudança de posicionamento do proprietário do jornal.

Durante o processo eleitoral de 1982 o editor do *JB* era Paulo Henrique Amorim, jornalista que, ao longo da sua vida, manteve posições políticas públicas de apoio a partidos e a políticos progressistas. Essa pode ser uma das explicações para o fato desse periódico ter feito uma apuração paralela e ter evitado um provável esquema de fraude eleitoral em 1982. Não se pode deixar de levar em consideração também a anuência do proprietário do jornal para que tal linha viesse a ser seguida.<sup>5</sup>

A partir de 1983 o *JB* passou a contar com nomes como Wilson Figueiredo e José Nêumanne Pinto em seu corpo de editores. Ainda em meados de 1983 o próprio Paulo Henrique Amorim deixou a editoria geral do jornal, que passou a ser comandada por João Batista Lemos. Depois dessas mudanças a oposição ao governo trabalhista tornou-se explícita.

O *Jornal do Brasil*, apesar de se proclamar um defensor histórico do constitucionalismo, apresentou-se nos dois anos seguintes como um dos mais empedernidos defensores do governo ditatorial do general João Batista Figueiredo. A posição de seus novos editores em relação às eleições

---

<sup>4</sup> Sobre essa polêmica ver: AMORIM, Paulo Henrique; PASSOS, Maria Helena. **PLIM-PLIM**. A peleja de Brizola contra a fraude eleitoral. São Paulo: Conrad: Editora do Brasil, 2005. RODRIGUES, Mônica. Imprensa: uma relação de amor e ódio. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. **A FORÇA DO POVO**. Brizola e o Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: ALERJ/CPDOC, 2008.

<sup>5</sup> Pouco tempo antes da eleição de 1982, Manuel Francisco do Nascimento Brito, o proprietário do *Jornal do Brasil*, teve um pedido de concessão para um canal de televisão negado pelo presidente João Batista Figueiredo. O general deu preferência para o empresário Sílvio Santos. Segundo Mônica Rodrigues, essa recusa deve ser levada em consideração no posicionamento do periódico na defesa da eleição de Leonel Brizola em 1982 (RODRIGUES, 2008, p.78).



diretas, uma proposta que tinha grande apoio popular na época e que mobilizou a população brasileira para comícios e passeatas como em poucas outras vezes de nossa história, reforça esse apoio do jornal à ditadura militar nessa nova conjuntura. Apesar de toda essa mobilização popular, para o corpo editorial do *JB* o Presidente Figueiredo estava coberto de razão ao defender a realização de eleições diretas apenas em 1989. Os editoriais deixavam muito claro a posição oficial do jornal em relação ao clamor popular pelas diretas:

A campanha das diretas é exagero dessa gente numerosa e tinindo de vontade de votar. Que dá para segurar um pouco mais não há dúvida. Uma boa conversa política aguentará sem eleição direta mais um pouquinho. Até a impaciência dos candidatos pode segurar em penitência.<sup>6</sup>

Uma outra hipótese a ser considerada é a de que essa oposição do *Jornal do Brasil* para com Brizola possa ser considerada como uma espécie de retratação dessa empresa com o governo militar. O jornal teve uma participação fundamental na apuração e denúncia da tentativa de fraude da eleição de 1982, no chamado escândalo da PROCONSULT. Essa denúncia acabou expondo o próprio Serviço Nacional de Informação (SNI), uma instituição de extrema relevância para o regime, além de oficiais da marinha que eram os proprietários da empresa responsável pela apuração. Posicionar-se contra Brizola poderia ser uma forma de o proprietário do jornal se desculpar e se reconciliar com os generais. Como o governador Brizola era, naquela conjuntura, o grande inimigo da ditadura e do governo do general João Batista Figueiredo, não tardou para que os editores do *Jornal do Brasil* direcionassem todo o seu arsenal crítico contra o governo trabalhista fluminense.

Essas mudanças no posicionamento político do *JB* demonstram, como assinalado acima, que as editorias dos jornais é um espaço político variado, marcado por disputas significativas (LUCA, 2005, p.141) e que também são atravessadas pelas discussões políticas nacionais (JENNENAY, 1996, p. 225).<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> JORNAL DO BRASIL, FIGUEIREDO, Wilson. **Vale o dito pelo desdito**, 15/04/1984. 1º caderno / Opinião, p.11.

<sup>7</sup> Disputas como essas também ocorreram no jornal *O GLOBO* nessa mesma época. O coordenador da apuração da eleição de 1982 era Iram Frejat, irmão do deputado trabalhista José Frejat. Iram se manifestou em algumas ocasiões contra a apuração da PROCONSULT e contra a cobertura jornalística de *O GLOBO*. O próprio Roberto Marinho reuniu-se algumas vezes com esse jornalista para cobrar mudanças no seu posicionamento. Iram, todavia, manteve as suas críticas até o final do processo de apuração (AMORIM, 2005, p. 70).

## As críticas contra a política de segurança pública

A questão da segurança pública sempre foi um dos pontos que mais geraram polêmicas na imprensa carioca durante os governos de Leonel Brizola. Por apresentarem planos e defenderem um modelo de organização pautado nos direitos humanos como o limite para a atuação das forças de segurança pública, os trabalhistas acabaram sendo qualificados como: “fracos”; “coniventes com o crime”; “defensores daqueles que transgrediram as leis”.

Alguns veículos de imprensa, em sua ânsia por conquistar mercados e também em virtude das alianças políticas que mantinham, acabaram sendo grandes difusores de uma espécie de sensação de insegurança generalizada nos dois mandatos governamentais de Brizola. O *Jornal do Brasil*, por exemplo, assumiu, entre 1983 e 1984, a postura de associar de forma direta o aumento dos índices de violência no Rio de Janeiro à política de segurança pública do governo Brizola.<sup>8</sup> Para esse órgão da imprensa carioca, os trabalhistas eram nada menos do que defensores dos marginais da cidade:

o Sr. Leonel Brizola fez nitidamente opções fundamentais, sendo a primeira a escolha da marginalidade como seu público e seu ponto de apoio social. A segunda é apenas uma decorrência desta e consiste na destruição da autoridade. O governo não se exerce, sobretudo no que respeita a manutenção da ordem pública, porque marginalidade é sinônimo de desordem.<sup>9</sup>

O jornal chegou a associar e alegar a omissão de Brizola no combate à violência, com o fato de tratar-se de alguém de fora do estado, por ser um forasteiro o governador não conseguia, segundo o periódico, compreender o funcionamento da cidade:

Graças a omissão de um governo forasteiro, estranho aos padrões de civilização da cidade e indiferente à sua deterioração, milhões de cariocas estão condenados a um redivivo e nada mitológico faroeste [...]. Esta situação não pode se eternizar. O Rio desordem, o Rio paraíso do crime, o Rio loteamento de bicheiros e narcotraficantes deve desaparecer já.<sup>10</sup>

Brizola, como bom polemista que era, não deixou seus críticos do *JB* sem respostas. Por meio dos chamados *tijolaços*, que foram colocados em prática logo no seu primeiro ano de mandato, o

---

<sup>8</sup> Nesse período, entre os anos de 1983 e 1984, o jornal *O GLOBO* mantinha uma posição mais moderada em relação ao governo Brizola. Alguns casos de violência, como o assassinato de turistas, eram até destacados, mas sem o tom dramático impresso pelo *JB*. Essa postura talvez se explique em virtude do fato de que a justiça ainda estava investigando o caso PROCONSULT e as chamadas “organizações *Globo*” provavelmente não estavam interessadas em dar ainda mais combustível ao governador do Rio de Janeiro para criticá-la.

<sup>9</sup> JORNAL DO BRASIL, 14/12/1984, 1º caderno, p. 10.

<sup>10</sup> JORNAL DO BRASIL, 02/04/1985, 1º caderno, p.10.

governador do Rio de Janeiro procurava se defender desses ataques e, ao mesmo tempo, denunciar a existência de uma oposição injusta de alguns veículos da mídia:

Qualquer pessoa responsável ou de simples bom senso verifica que há uma preocupação obsessiva, cada dia maior, em desmerecer e até desmoralizar o Governo do Estado do Rio de Janeiro, eleito livremente pela população. [...]Mas não argumentam com solidez e firmeza, apenas justificam slogans pretenciosos e vazios: “cidade sem lei”, “vácuo de autoridade”, “governo socialista”, “Brizola se pensa...”, etc, etc.<sup>11</sup>

Nesse período em que os CIEPs ainda estavam nas pranchetas de Niemeyer e nos rascunhos de Darcy, o governo trabalhista também foi muito questionado pelo *JB* a respeito de sua gestão no Banco do Estado do Rio de Janeiro (BANERJ), no Departamento Estadual de Trânsito (DETRAN), sobre as constantes idas de Brizola ao Uruguai, sobre a manutenção das escolas públicas e sobre a construção da chamada Passarela do Samba ou sambódromo. A análise dessas duas últimas discussões merece destaque especial, em virtude do fato de terem sido utilizados argumentos muito parecidos aos que foram encontrados em relação ao debate público sobre os CIEPs, alguns meses depois.

## A polêmica em torno da construção do sambódromo

Outro projeto importante do governo trabalhista que foi muito criticado pelo *Jornal do Brasil* foi a construção da chamada “Passarela do Samba”. Durante o rápido processo de construção do sambódromo, na avenida Marquês de Sapucaí, na Praça Onze, o *Jornal do Brasil* deixou ainda mais claro o seu posicionamento político de oposição ao governo Brizola e seu apoio ao governo ditatorial do presidente João Figueiredo.

Em primeiro lugar, o jornal se posicionou contra o projeto de Niemeyer para a construção de uma passarela fixa para os desfiles. Para os editores do *JB* esse tipo de estrutura era inadequado para as escolas de samba e seus passistas:

Nunca é excessivo o esforço de esclarecer o que está imerso nas sombras. A nota do arquiteto Oscar Niemeyer sobre a Passarela do Samba revela que as escolas de samba figuram no projeto da obra como Pilatos no credo. Em vez de causa, o samba é complemento, porque o principal era a construção de uma praça como “outra não existe no país” e “ocorreu naturalmente a ideia para utilizá-la para os desfiles.<sup>12</sup>

<sup>11</sup> JORNAL DO BRASIL, BRIZOLA, Leonel. *À população do Rio de Janeiro*, 06/01/1984, 1º caderno / cidade, p.5.

<sup>12</sup> JORNAL DO BRASIL, editorial: *Sem equívocos*, 20/01/1984, 1º caderno, p.10.

## A relação do primeiro governo trabalhista de Leonel Brizola...

Jornalistas ligados ao *JB*, como o secretário de redação José Nêumane Pinto, classificavam o projeto do sambódromo como faraônico.<sup>13</sup> Além disso, com uma frequência quase diária, o periódico criticava o alto custo da obra e as constantes alterações no seu preço final.<sup>14</sup>

Depois que a Passarela do Samba ficou pronta, o jornal ainda continuou a sua campanha, defendendo que a população carioca não dava importância para o novo aparelho público da cidade. Os redatores não pouparam nem o novo modelo de carnaval implantado por sugestão de Darcy Ribeiro, com dois dias de desfile e uma campeã para cada um deles e mais um desfile suplementar para se definir uma supercampeã para o carnaval.<sup>15</sup>

No dia 9 de fevereiro de 1984 o *JB* publicou uma das críticas mais virulentas contra os trabalhistas. Tratava-se de uma associação feita entre o sambódromo e o nazifascismo defendido em um dos editoriais. Essa crítica atingia também um dos maiores colaboradores do governo pedetista, o arquiteto Oscar Niemeyer:

O término virtual da obra denominada *sambódromo* permite ter uma visão definitiva da determinante verdadeira de sua construção: trata-se de uma grande praça de comícios [...]. A fonte inspiradora é claro os locais especialmente construídos a fim de comportar grandes concentrações humanas, que apareceram em nossa época primeiro na Rússia soviética e na Itália de Mussoline, depois copiada por Adolph Hitler na Alemanha nazista.<sup>16</sup>

Mais uma vez Brizola não deixou os seus detratores sem resposta. Em outro *tijoloço* representativo, o líder trabalhista não se preocupou apenas em se defender das acusações, mas também atacou os seus opositores. Pouco tempo depois da publicação desse editorial e com a continuação das críticas do jornal ao seu governo, Brizola associou nominalmente o proprietário do *JB* à política econômica do governo Figueiredo, caracterizando-o como apoiador e beneficiário das medidas inflacionárias que corroíam o custo de vida e os salários dos trabalhadores:

A opinião pública do país, a população do Rio de Janeiro [...] já se aperceberam porque o Jornal do Brasil do Sr. M.F. do Nascimento Brito vem atacando e achincalhando todos os dias a administração do Rio de Janeiro e o seu governador[...]. Tornou-se de conhecimento público e notório que o referido Sr. Brito (*JB*) e Mesquita Neto (*Estadão*) são sócios parceiros e beneficiários em grandes operações concedidas pelo Governo Federal[...]. Atacar e hostilizar impiedosamente o governo Leonel Brizola seria como lubrificar todas as engrenagens e o próprio centro motor

<sup>13</sup> JORNAL DO BRASIL, 01/03/1985, 1º caderno, p.11

<sup>14</sup> JORNAL DO BRASIL, 22/02/1984, 28/02/1984, 01/03/1984...

<sup>15</sup> JORNAL DO BRASIL, 02/03/1984, 07/03/1984), 1º caderno

<sup>16</sup> JORNAL DO BRASIL, editorial: **Praça de comícios**, 09/02/1984, 1º caderno, p. 10.

das decisões. Além disso, forneceria matéria e inspiração para, em conversas posteriores, estabelecerem outros desdobramentos.<sup>17</sup>

Utilizar as próprias páginas do *JB* para atacar o seu proprietário era uma estratégia que tornava o debate político ainda mais interessante nesse período, porém essa não era a única tática de defesa utilizada pelo governo trabalhista. Além desses *tijolões*, Brizola também utilizava espaços de propaganda para enaltecer as suas realizações nas páginas desses grandes jornais. No período de inauguração e da utilização do sambódromo para o carnaval, por exemplo, tanto o próprio governo do estado, como as empreiteiras que realizaram a obra, mantiveram publicidade de página inteira no primeiro caderno enaltecendo o feito e o próprio governo trabalhista.<sup>18</sup>

Outra estratégia que também foi utilizada por Brizola para promover o seu governo e as suas realizações eram as reportagens que faziam elogios às suas iniciativas. Como ocorreu, por exemplo, em março de 1984, quando uma reportagem do *JB* assinala que “quando o samba deixar a passarela nesta semana, os camarotes serão preparados para os filhos dos que provavelmente não poderiam assistir aos desfiles”.<sup>19</sup>

Segundo Mônica Rodrigues (2008, p. 77), Brizola sempre procurou cultivar esse tipo de estratégia. Se por um lado ele mantinha uma guerra com alguns figurões da grande imprensa e com os editores chefes desses veículos, por outro lado, ele mantinha uma relação amistosa e respeitosa com os repórteres a serviço das mesmas empresas. Todavia, esse tipo de reportagem não ocorria amiúde, o mais comum mesmo eram as críticas à política educacional do governo pedetista.

## Críticas à conservação das escolas

Durante os primeiros 18 meses do governo Brizola o assunto CIEP não foi muito comentado pela mídia, mesmo porque o governo trabalhista avançou pouco em relação a essa iniciativa. Nesse período apenas duas ações ocorreram: a compra do Hotel Panorama em Ipanema no final de 1983, que posteriormente deu origem ao CIEP João Goulart, e o início das atividades nos CIEPs que existiam sob as arquibancadas da Passarela do Samba.<sup>20</sup>

<sup>17</sup> JORNAL DO BRASIL, BRIZOLA, Leonel. *À população do Rio de Janeiro*, 26/8/1984, 1º caderno, p.7.

<sup>18</sup> JORNAL DO BRASIL, , 20/01/1984, 02/03/1984, 15/03/1984, 1º caderno

<sup>19</sup> JORNAL DO BRASIL, 08/03/1984, 1º caderno, p.13

<sup>20</sup> Nenhum CIEP seguindo o modelo arquitetônico clássico de Oscar Niemeyer havia sido construído, até então. Mesmo as discussões públicas sobre o projeto educacional de Darcy Ribeiro haviam arrefecido. Isto ocorreu porque alguns professores e o sindicato da categoria manifestaram-se publicamente contra a construção de escolas tão grandes como os CIEPs no Encontro de Mendes, um grande congresso organizado por Darcy com os professores das redes públicas estadual

O fato de não mostrar avanços no campo da educação, como houvera prometido durante a campanha eleitoral, acabou gerando críticas dos opositores do governo estadual. Rubem Medina, que posteriormente se lançaria candidato à prefeitura do Rio de Janeiro, que gozava de muito prestígio e espaço nos periódicos analisados, tanto para expor as suas ações como para criticar Brizola, lembrou em um dos seus artigos no *JB* que os trabalhistas, que tinham elegido as criancinhas como prioridade, não haviam tomado, até então, nenhuma medida para cumprir a promessa de campanha.<sup>21</sup>

Nesse período inicial, a mídia concentrou muito esforço em criticar o estado de conservação das escolas estaduais e, também, procurou destacar os processos de exoneração de diretores, feitos pelas secretarias de educação, em algumas unidades de ensino. O projeto criado pelo governo para reformar as escolas públicas do estado e do município, denominado “Mãos à obra nas escolas”, foi duramente criticado pelo jornal *O Globo*, que, vez por outra, realizava algumas críticas ao governo trabalhista:

não é nada animador o panorama da volta às aulas no Rio. Muitas escolas da rede estadual e municipal, apesar do alarido do programa “Mãos à obra...”, apresentam-se em péssimas condições de instalação e funcionamento ou estão sem professores.<sup>22</sup>

O *Jornal do Brasil*, nessa época o grande opositor de Brizola, também procurou expor ao máximo as condições precárias de algumas escolas da rede pública. Em algumas reportagens conseguiu, inclusive, relacionar a questão dos problemas das escolas com a questão da segurança pública, que era a grande fixação do veículo no período. Quando denunciou os problemas de uma unidade em Mesquita, na Baixada Fluminense, essa associação ficou bem clara:

Os professores não querem mais trabalhar na Escola Estadual Santo Elias, de cerca de 400 alunos, em Mesquita, devido à fama de assaltos que nela ocorrem até mesmo de dia [...]. As ditas professoras que ainda vão lá afirmam que só ficam em solidariedade para com a diretora.<sup>23</sup>

Essa reportagem ocupou a capa do *JB* e destacava as condições de uma escola específica, porém sugeria que essa era a situação de toda a rede de educação. É difícil defender que todas as escolas

---

e municipal, ainda em 1983. Depois das polêmicas levantadas no encontro, Darcy e sua equipe só voltaram a discutir publicamente o projeto a partir da inauguração do CIEP Tancredo Neves, em abril de 1985. Foi inclusive nessa época que *O Livro dos Cieps*, uma publicação em que Darcy explicita todo o seu projeto educacional, foi lançado.

<sup>21</sup> JORNAL DO BRASIL, MEDINA, Rubem. **Brizola e o trampolim**, 06/02/1984, 1º caderno / Opinião. p.9.

<sup>22</sup> O GLOBO, 24/02/1984, 1º caderno / Cidade, p. 12. Apesar de *O Globo* não ter feito coro com *JB* nas críticas em relação à construção do sambódromo, o jornal começou a criticar o governo Brizola, ainda discretamente, no início de 1984. A questão que *O Globo* mais destacava nesse período foi a falta de conservação nas escolas. Talvez o fato de o SNI ter arquivado o processo da PROCONSULT tenha deixado os seus editores mais à vontade para criticar os trabalhistas.

<sup>23</sup> JORNAL DO BRASIL, 22/02/1984, capa

públicas estavam em um bom estado de conservação, existindo evidentemente alguns problemas. Não se pode afirmar, contudo, que toda a rede pública se encontrava sucateada. Diversos professores e líderes sindicais que entrevistamos confirmaram a existência de problemas localizados, mas também destacaram que as redes estadual e municipal não tinham problemas graves.<sup>24</sup>

A partir do início de 1985 o *Jornal do Brasil* passa, mais uma vez, por mudanças em sua equipe editorial e começa a ter uma posição mais moderada em relação ao governo Brizola, como, aliás, já tinha assumido durante o período eleitoral de 1982. O jornal *O Globo*, definitivamente livre dos processos do caso PROCONSULT, assumiu, a partir desse momento, uma postura de crítica implacável ao governo trabalhista.<sup>25</sup> As escolas passaram a ser o seu alvo predileto, até porque a fábrica de escolas localizadas na Avenida Presidente Vargas começava a operar e as primeiras unidades dos CIEPs começavam a ser construídas.

As críticas do jornal *O Globo* à falta de conservação das escolas tornavam-se cada vez mais frequentes e, assim como o *JB* havia feito nos dois anos anteriores, o periódico do jornalista Roberto Marinho começou a denunciar também a falta de infraestrutura, apontando problemas nas instalações prediais, a falta de cadeiras, etc. Mais uma vez, as trocas de diretores, empreendidas pela secretaria de educação, também foram mencionadas. Uma novidade, no entanto, passou a ser cada vez mais comum nas páginas desse periódico: as críticas aos CIEPs.

## As primeiras discussões públicas sobre os CIEPs

Depois que o primeiro CIEP, propriamente dito, o CIEP Tancredo Neves, localizado no bairro da Glória, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, foi inaugurado, as críticas ao projeto educacional de Darcy tornaram-se bastante frequentes nos veículos analisados: no *JB* de uma forma mais ponderada e no *O Globo* de uma forma bem ostensiva. As inaugurações dos CIEPs, sempre tratadas com um grande ato político eleitoral pelos trabalhistas, procuravam promover todos os candidatos pedetistas de uma forma nada discreta. A imprensa logo percebeu essa associação; e, como opositores políticos

---

<sup>24</sup> O professor Luís Carlos Pimentel, que trabalhava em uma escola estadual na Baixada Fluminense e em outra unidade na Pavuna, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, afirmou que ambas estavam em boas condições. A líder sindical Dodora Mota também defendeu que as unidades de sua cidade, Volta Redonda, tinham uma boa estrutura. Essa também foi a opinião da professora Paula Santos, que lecionava em unidades da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Todos esses professores foram entrevistados ao longo de 2019 e 2020.

<sup>25</sup> Não se está defendendo a ideia de que existe uma relação de automatismo entre o fato de o *JB* ter assumido uma posição mais moderada e, logo a seguir, *O Globo* passar a defender uma posição mais crítica. As mudanças conjunturais citadas, troca do corpo editorial do *JB*, arquivamento do caso PROCONSULT e a proximidade da eleição municipal, foram algumas das razões para essa mudança de postura de ambas as partes.



de Brizola, procuraram colocar em evidência o que consideravam ser os pontos fracos do projeto, assim como os demais problemas da rede de escolas públicas. Nessa verdadeira batalha política, os dois lados buscaram aliados para tentar defender as suas teses. Jornalistas, políticos, intelectuais e formadores de opinião com alcance internacional foram mobilizados pelos antagonistas para criticar ou defender o novo modelo de escolas.

### O impacto dos primeiros CIEPs

As inaugurações dos CIEPs, que começaram a ocorrer a partir de abril de 1985, marcaram uma nova onda de críticas dos diversos veículos da imprensa ao governo trabalhista do Rio de Janeiro<sup>26</sup>. Editores, jornalistas, políticos e até intelectuais são instados pelos jornais a criticarem um projeto educacional que, naquele momento, significava uma grande novidade no cenário educacional brasileiro.

Um dos primeiros detratores do projeto dos CIEPs foi o Deputado Jorge Leite, postulante ao cargo de prefeito da cidade do Rio de Janeiro com o apoio do ex-governador Chagas Freitas, nas eleições municipais de 1985. Leite iniciou as suas críticas aos trabalhistas utilizando as reportagens do *JB* do ano anterior para pedir explicações a Brizola em relação a construção da Passarela do Samba. Porém logo mudou o foco e passou a questionar o alto custo do projeto do novo modelo de escolas, além de apontar irregularidades no processo de licitação para a construção dos mesmos:

O Deputado Jorge Leite, candidato do PMDB à Prefeitura do Rio, desafiou ontem o Governador Leonel Brizola e o vice Darcy Ribeiro a explicarem as irregularidades, segundo ele verificadas, no processo de licitação dos Cieps. Munido de vasta documentação, Leite denunciou a contratação da empresa Projectum de engenharia para a execução dos serviços de fiscalização e acompanhamento das obras sem a realização de licitação.<sup>27</sup>

O jornal *O Globo* deu amplo destaque ao fato, enquanto o *JB*, mais moderado em suas críticas ao governador nesse período, reservou um pequeno espaço para tais denúncias. O deputado e candidato chaguista à Prefeitura, ainda questionava o fato de ser a FAPERJ, presidida por Darcy, e não Empresa Municipal de Obras Públicas (EMOP) a responsável pelo acompanhamento das obras. Além

---

<sup>26</sup> Apesar da moderação já citada do *Jornal do Brasil*, outros veículos como *O Estado de São Paulo* e a *Folha de São Paulo* mantinham uma postura de crítica implacável ao governo trabalhista, além do próprio *O Globo*.

<sup>27</sup> O GLOBO, 25/10/1985, 1º caderno, p. 8. Jorge Leite foi um dos poucos políticos do período que teve coragem de declarar durante o período eleitoral que, caso fosse eleito, não só paralisaria as obras dos CIEPs, como não daria continuidade ao projeto pedagógico de Darcy. Nem Rubem Medina, na campanha de 1985 para prefeitura, e nem Moreira Franco, na campanha para o governo estadual de 1986, tiveram coragem de assumir essa postura durante o pleito, embora Moreira tenha desprezado o projeto desde o primeiro dia de seu governo.

disso, Leite questionava a presença de Márcia Cibilis Viana, filha do secretário de governo Cibilis Viana, uma figura importante do trabalhismo carioca, e de João Otávio Brizola, filho do governador, no Programa Especial de Educação.

Como essas denúncias ganhavam cada dia mais espaço na imprensa, Jorge Leite acabou se excedendo e muitas vezes descaracterizando com as suas críticas todo o projeto dos CIEPs. Tal atitude acabou incentivando os defensores dos *Brizolões* a se manifestarem, Leonel Brizola foi o primeiro a se posicionar. Com uma certa dose de ironia, ele lembrou a opinião pública, em um dos seus *tijolaços*, as ligações de Leite com Chagas Freitas e com a ditadura militar:

Ainda não nasceu alguém, muito menos um chaguista vivo e confesso, capaz de atingir a honra e idoneidade moral e profissional de cidadãos como Darcy Ribeiro, Oscar Niemeyer [...]. Mas a direita não se cansa em seus clássicos processos. Quando um movimento transformador está na oposição pacífica e democrática é considerado subversivo, e quando está no governo, procuram envolver suas obras e realizações em um suposto e sórdido ambiente de irregularidades e corrupção.<sup>28</sup>

O próprio Darcy Ribeiro assinou dois *tijolaços*, fato incomum, para se defender e responder às acusações arroladas pelo deputado peemedebista. Porém, o ponto alto dessa discussão ocorreu quando o próprio Oscar Niemeyer enviou uma carta ao jornal *O Globo*, veículo que mais repercutiu as acusações de Leite, para defender Darcy e os CIEPs.

Niemeyer, inicialmente chamou as críticas de Jorge Leite de infundadas e arrematou a sua argumentação esclarecendo a sua posição sobre os CIEPs:

começarei dizendo se tratar de um projeto revolucionário, sob o ponto de vista educacional. Escolas que não visam apenas – como as antigas – instruir seus alunos, mas sim dar um apoio efetivo a todas as crianças do bairro. [...] Por outro lado, os CIEPs não representam custos vultosos, nem são faraônicos para usar o termo do agrado da mediocridade inevitável <sup>29</sup>.

Diante dessa repercussão, o candidato Jorge Leite acabou recuando em suas posições em relação ao projeto dos CIEPs, embora continuasse a disparar críticas contra o vice-governador:

---

<sup>28</sup> O GLOBO, BRIZOLA, Leonel. **Esclarecimentos do Governo do estado**. 03/11/1985, 1º caderno, p.7

<sup>29</sup> O GLOBO, 01/10/1985, Cartas, p.4. Destaca-se, mais uma vez, que essa carta foi endereçada apenas ao jornal *O Globo*.

Jorge Leite negou ter questionado na gravação o projeto pedagógico dos Cieps, “até por que o grande autor desse projeto de ensino integrado é o saudoso professor Anísio Teixeira e nunca Darcy Ribeiro ou muito menos Leonel Brizola” - disse ele.<sup>30</sup>

As críticas de Jorge Leite aos CIEPs revelaram-se como um grande fracasso eleitoral. O candidato ficou em terceiro lugar e com uma quantidade ínfima de votos, se comparado ao candidato vencedor, Saturnino Braga, o candidato apoiado por Brizola. Em seu primeiro teste eleitoral os CIEPs demonstraram que contavam com a simpatia da população do Rio de Janeiro.

Por estar à frente de grandes projetos do governo do estado, como a Passarela do Samba e os CIEPs, e também por ser o candidato natural do PDT para a sucessão de Brizola, Darcy Ribeiro, continuava a ser alvo constante dos ataques de políticos e de jornais de oposição aos trabalhistas. Entre 1983 e 1984 o *Jornal do Brasil*, durante a discussão pública em torno da inauguração do Sambódromo, chegou a chamá-lo pejorativamente de “morubixaba da cultura carioca”<sup>31</sup>, 1º caderno, fazendo um jogo de palavras insultuosas entre a formação acadêmica de Darcy e a função pública que exercia. Em 1986, com a campanha para o governo do estado do Rio de Janeiro a todo vapor, o jornal *O Globo* procurou a todo custo associá-lo aos contraventores do jogo do bicho carioca.<sup>32</sup>

### As eleições para o governo do Estado do Rio de Janeiro de 1986

Os CIEPs foram os grandes propulsores das campanhas eleitorais pedetistas nas eleições de 1985, para a prefeitura do Rio de Janeiro, e para o governo do estado no ano seguinte. No segundo semestre de 1986, Brizola, Darcy e diversos outros candidatos trabalhistas viveram uma intensa agenda de inaugurações de *brizolões* em todo o estado. Em cada nova escola é inaugurado um comício para celebrar e promover a candidatura de Darcy e de outras lideranças de seu partido.

Os seus principais adversários nesta eleição foram Moreira Franco, agora no PMDB, e as chamadas organizações *Globo*, que assumiram uma postura de crítica implacável aos trabalhistas. Ambos perceberam que os CIEPs contavam com a simpatia popular, por isso evitaram criticá-lo. Moreira Franco não fazia críticas diretas ao projeto e o jornal *O Globo* buscava erros pontuais para poder criticar o novo modelo de escolas de uma forma velada.

<sup>30</sup> O GLOBO, 03/10/1985, 1º caderno, p. 12

<sup>31</sup> JORNAL DO BRASIL, 22/02/1984 e 25/02/1984.

<sup>32</sup> O GLOBO, 06/10/1985, 20/10/1985, 21/10/1985, 1º caderno.

Depois da eleição para a prefeitura do Rio de Janeiro, o projeto pedagógico dos CIEPs dificilmente foi criticado pelos seus opositores. Moreira, ao contrário de seu correligionário Jorge Leite, chegou até a declarar durante a campanha que daria continuidade ao projeto de Darcy:

Aos seus desmentidos para as acusações do PDT de que não continuará com as obras dos CIEPs na Baixada, Moreira acrescenta que não só construirá mais brizolões – ele acha que esse nome pode continuar – como também reformará as escolas e construirá outras de 2º grau, outra carência da região.<sup>33</sup>

Palavras jogadas ao vento, pois o afilhado político e genro do também ex-governador Amaral Peixoto foi um dos grandes algozes dos CIEPs durante o seu governo no estado do Rio de Janeiro. É relevante assinalar ainda que, segundo essa reportagem de *O Globo*, Moreira Franco estava disposto a manter inclusive a forma popular de se denominar os CIEPs, criada por Darcy Ribeiro, a alcunha de *Brizolão*. Essa observação do jornalista responsável pela matéria, que não foi identificado pelo jornal, é bastante pertinente, pois o próprio *O Globo* quase nunca utilizava essa forma para denominar os CIEPs, preferindo chamá-los de escolões, quando havia necessidade de se utilizar outra designação. Essa foi, mais uma vez, uma estratégia consciente dos editores dos jornais em sua cruzada contra Leonel Brizola, Darcy Ribeiro e os seus projetos.<sup>34</sup> Moreira Franco, por sua vez, fez questão de utilizar o nome *Brizolão* e defender a continuidade do projeto para não angariar a antipatia popular, como havia ocorrido com Jorge Leite no pleito anterior.

Outra estratégia utilizada pelo jornal de Roberto Marinho contra Brizola nesse período era a de quase nunca utilizar os editoriais, que nessa época refletiam em muito as posições de seu proprietário<sup>35</sup>, para criticar o líder trabalhista e os CIEPs. As reportagens eram quase sempre o método de crítica mais utilizado para esse combate. Muitas dessas reportagens traziam, inclusive, críticas banais aos CIEPs, tais como, o fato de se manter as luzes acesas durante toda a noite ou as obras gerarem poeira e barulho nos bairros em que ocorriam.<sup>36</sup>

Uma dessas críticas banais aos CIEPs chegou a figurar na capa de *O Globo* durante o período que antecedeu às eleições de 1986. Tratava-se de uma manifestação de moradores:

Cerca de cem moradores da Ilha do Governador destruíram ontem de manhã a placa que anunciava a construção de um CIEP no Parque Manuel Bandeira, em Cocotá,

<sup>33</sup> O GLOBO, 26/10/1985, 1º caderno, p. 3.

<sup>34</sup> O GLOBO, 07/10/1985, 21/05/1985... entre outras edições.

<sup>35</sup> Em geral, O GLOBO só utilizava os editoriais contra Brizola para responder as críticas que o governador fazia ao jornal ou ao seu proprietário nos *tijolaços*.

<sup>36</sup> O GLOBO, 07/10/1986, 13/10/1986, 30/10/1986, todas no 1º caderno.

na Ilha do Governador, segundo eles a única área de lazer do bairro [...]. Eles ressaltaram que não são contra a construção do Ciep, mas sim contra a escolha da área sem consulta à comunidade.<sup>37</sup>

Deixando de lado o fato de um jornal com circulação nacional dar relevância a uma manifestação contra uma placa, o evento também demonstrava mais uma vez que os CIEPs contavam com a aprovação popular naquele momento, pois, nesse caso, os moradores estavam contra a localização e não contra o projeto em si. Essa foi uma das razões para o jornal *O Globo* e o próprio Moreira Franco não criticarem de forma direta, e explícita, o projeto de Darcy Ribeiro.

Os CIEPs desfrutavam, naquele momento, de grande prestígio em todo o país. Políticos de outros estados e de outros partidos que não apenas do PDT incluíram esse projeto em seus planos de governo:

O fraco desempenho do candidato do PDT ao governo do Espírito Santo, Rubem Gomes, não impediu que os Cieps seja um dos temas mais discutidos na atual campanha eleitoral. O candidato do PFL, Élcio Álvares, que ressalta, não ter “afinidade ideológica” com o governador do Rio, se for eleito, copiará no Estado a experiência dos Cieps, que marcaram a administração brizolista.<sup>38</sup>

Darcy Ribeiro foi convidado, após perder a eleição para o governo do Rio de Janeiro em 1986, pelo governador eleito de Minas Gerais, Newton Cardoso, para levar os CIEPs para as alterosas, fato que acabou sendo inviabilizado pelas circunstâncias políticas de então, mas que deixa muito claro o prestígio nacional que o projeto tinha.

Como muitos políticos acabaram percebendo rapidamente, criticar os CIEPs naquele momento não era uma tarefa das mais populares. Os órgãos de imprensa, em geral, tinham muito cuidado ao abordar o assunto CIEP, apesar de alguns deles desejarem continuar denunciando os pontos fracos do projeto, em virtude de sua popularidade. As críticas mais comuns dos jornais de oposição aos trabalhistas eram as denúncias sobre o estado de conservação das escolas da rede regular, que ocorreram durante todo o período de governo.

Para tentar sair dessa encruzilhada e continuar criticando os CIEPs, mesmo que de uma forma velada, os jornais utilizaram uma estratégia nova: a partir de um certo momento eles incorporaram também os intelectuais em suas críticas ao novo modelo de escolas.

---

<sup>37</sup> O GLOBO, 11/10/1986, capa.

<sup>38</sup> O GLOBO, 24/10/1986, 1º caderno, p. 2.

## Os intelectuais contra os CIEPs

Os ambiciosos projetos arquitetônicos e pedagógicos dos CIEPs foram divulgados primeiramente pelo próprio Brizola em um dos seus *tijolaços*, no início de setembro de 1984. Não demorou muito para que o *JB*, um dos mais exaltados críticos dos trabalhistas naquela oportunidade, movimentasse o seu corpo editorial contra a novidade. Os redatores do *JB* reforçaram o modelo de crítica que já vinham fazendo à política educacional de Brizola e Darcy, dessa vez acrescentando apenas que a prioridade nos CIEPs significava a degradação ainda maior da rede regular:

O socialismo moreno continua a fazer as suas mágicas. O Sr. Leonel Brizola gosta de notícias retumbantes, que produzam efeitos político. Informa, assim, que está dando partida ao “escolódromo”: quer construir 360 novas escolas até o início do próximo ano letivo [...]. Ao mesmo tempo, o diretor do Departamento de Educação do Sr. Brizola encaminha ao Conselho Estadual de Educação[...] parecer que reduz drasticamente a carga horária destinada aos alunos do segundo grau das escolas estaduais.<sup>39</sup>

Nesse primeiro momento, logo após o anúncio do projeto, *O Globo* manteve-se distante de grandes polêmicas, resumindo-se a publicar as novas propostas do governo do estado. Porém, a partir do segundo semestre de 1985, com a proximidade da eleição municipal, o periódico de Roberto Marinho assumiu uma postura de crítica feroz aos chamados *Brizolões*, publicando diversas reportagens contra esse novo modelo de escolas.

O jornal *O Globo* manteve a estratégia do *JB* de comparar os CIEPs com as demais escolas da rede, acrescentando apenas o argumento de que o novo modelo de escolas era muito mais caro:

O governo do Estado está investindo na construção de sofisticados Centros Integrados de Educação Pública – os chamados escolões ou brizolões. Paradoxalmente, porém, se esquece das escolinhas aquelas das cidades do interior e que servem ou deveriam servir os filhos dos lavradores.<sup>40</sup>

Brizola e Darcy, que dificilmente deixavam uma crítica sem resposta, adoravam rebater esse tipo de questionamento. Assumiam, sem problemas, que os CIEPs eram mesmo escolas caras e sofisticadas, diziam que eram escolas de rico construídas para a população mais carente, desconstruindo o discurso e, algumas vezes, corando os seus críticos de vergonha por assumirem posições elitistas (RIBEIRO, 1986, p. 37).

<sup>39</sup> JORNAL DO BRASIL, editorial: **Despindo o santo**, 05/09/1984, 1º caderno, p. 10.

<sup>40</sup> O GLOBO, 1º caderno, 10/05/1985, p. 10.

As reportagens com críticas banais continuavam a ganhar espaço. *O Globo* chegou a dar destaque até para um secretário de governo da cidade de São Gonçalo, na região metropolitana, que defendia que a verba destinada aos CIEPs poderia ser utilizada para eliminar todas as valas negras do estado do Rio de Janeiro.<sup>41</sup>

Os argumentos que a imprensa utilizava contra os CIEPs, portanto, não ganhavam muita repercussão, mais do que isso: não ganhavam aceitação e respaldo popular. Nessa parte final do primeiro mandato de Brizola também era difícil encontrar algum político, com exceção de Jorge Leite, que depois da derrota no pleito municipal perdeu espaço em seu partido, com coragem para criticar o projeto. O único ambiente em que esse tipo de crítica conseguia espaço era nas universidades. Darcy, desde a sua volta do exílio, não angariava muita simpatia entre os seus pares intelectuais, tendo travado, inclusive, algumas discussões acaloradas com antropólogos, sociólogos e pedagogos renomados daquela época.

Os periódicos de oposição ao governo não demoraram a perceber esse posicionamento de parte dos intelectuais. Para reforçar a postura crítica que mantinham em relação ao governo Brizola e ao projeto dos CIEPs, esses jornais passaram a oferecer espaço para que esses intelectuais tecessem as suas considerações sobre a política educacional de Darcy.

A pedagoga Vanilda Paiva foi precursora nesse tipo de crítica e, logo em outubro de 1984, um mês após o anúncio oficial do projeto dos CIEPs, começou a apontar algumas falhas no jornal *A Folha de São Paulo* e no próprio *O Globo*. O próprio Darcy Ribeiro procurou responder a essas críticas, escrevendo um artigo em resposta na *Folha*, e em uma carta endereçada ao jornal *O Globo*.

O debate entre os dois acabou se estendendo bastante e chegou até as páginas da revista *Educação & Sociedade*. Algumas críticas de Vanilda Paiva ao projeto merecem ser destacadas, pois tocavam em aspectos que realmente não foram levados em consideração pelo governo trabalhista. A pedagoga, por exemplo, defendia a necessidade de se realizar um censo escolar para se localizar o verdadeiro *déficit* escolar e só depois se pensar em políticas públicas buscando a universalização do acesso dos alunos, segundo ela:

É muito mais trabalhoso e menos espetacular dar-se ao incômodo de realizar um censo escolar para identificar onde se encontram as 300 mil crianças que estão fora da escola e planejar a expansão da rede de acordo com as suas necessidades. Até

---

<sup>41</sup> O GLOBO, 04/09/1985, 1º caderno / O País, p.8.



porque isso implicaria em abandonar o projeto arquitetônico de escolas padronizadas com localização a partir do critério e não da serventia [...] (PAIVA, 1986, p. 136).

Vanilda Paiva criticou ainda a localização da fábrica de escolas no centro da cidade do Rio de Janeiro, em plena Avenida Presidente Vargas, que gerava, segundo ela, muita poluição em toda a região. Além disso, para essa socióloga Darcy era um político tirânico:

Não foram poucos os que, tendo vivido quando muito jovens o governo Goulart e seu desfecho, aceitaram os atores políticos derrotados em 1964 indistintamente como mártires e heróis. Tais figuras foram idealizadas como portadores de uma ética pessoal e política na qual poderíamos nos reconhecer (...). O próprio sr. Darcy Ribeiro era desde há muito conhecido nos meios políticos e acadêmicos pelo permanente fascínio que sobre ele exercia e exerce o canto da tirania. Mas como ver homens em sua verdade, se os víamos apenas como vítimas de um golpe militar? (PAIVA, 1986, p. 137)

A polêmica se estendeu durante pelo menos dois anos. Darcy sempre procurou responder às críticas da educadora. Vez por outra, o tom dessa discussão subia além da conta, com acusações e ofensas pessoais de ambas as partes (PAIVA, 1985, p. 137). No período que antecedeu às eleições para o governo do estado de 1986, os intelectuais mais uma vez foram convidados pelos jornais para fazerem análises sobre o projeto educacional de Brizola e Darcy. Em setembro de 1986 o jornal *O Globo* chegou até a promover uma discussão democrática sobre o assunto.

Foram convidados intelectuais contrários ao projeto, como a pedagoga Nilda Alves e membros do Centro Estadual dos Professores (CEP) e pensadoras que defendiam os CIEPs, como a professora Lia Faria e a secretária municipal de educação Maria Yedda Leite Linhares para um debate bastante produtivo.

A professora Nilda Alves desenvolveu muito bem o seu papel de crítica, demonstrando que as formações, na época chamadas de treinamento, oferecidas pelo governo do estado não chegavam a todos os professores:

Acho um erro esses treinamentos perenes promovidos pelo Estado, formulados sem nenhuma consulta à categoria e que partem do princípio de que o professor não sabe nada [...]. É necessário acabar com esse paternalismo do Estado e pensar que uma categoria que faz assembleia com a participação de 25.000 mil pessoas, como tivemos na última greve, tem muito a contribuir na busca de soluções para o problema de sua formação.<sup>42</sup>

<sup>42</sup> O GLOBO, 1º caderno/ Grande Rio, 17/08/1986, p. 22.

A professora Lia Faria, presente nas discussões, se apressou em contra-argumentar, lembrando da seriedade e das várias etapas existentes nas formações oferecidas pela Consultoria Pedagógica de Treinamento (CPT), pela qual era a responsável:

Estamos começando hoje um treinamento para 600 professores de brizolões antigos que não haviam sido treinados e outros dois, nos próximos dias, para mais 1,2 mil. Esse é apenas o treinamento inicial. Há o permanente, que consiste em quatro horas semanais para os professores orientadores de alfabetização [...].<sup>43</sup>

A professora Vera Dias foi a representante do sindicato dos professores na discussão e apresentou críticas bem moderadas ao projeto de Darcy:

É necessário discutir com os diversos segmentos da comunidade a execução do Programa Especial de Educação, para que os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs) não continuem a funcionar como uma rede paralela de escolas que detém todos os recursos e atenções em detrimento do sistema tradicional.<sup>44</sup>

Esse encontro tinha o objetivo, segundo o próprio jornal, de discutir os CIEPs na prática e encaminhar sugestões para a secretária de educação, Maria Yedda Linhares, que esteve presente nas discussões. Apesar das críticas, nota-se que havia uma certa preocupação do jornal em tentar contribuir com o aperfeiçoamento do modelo educacional formulado por Darcy para os *Brizolões*. Essa foi a única iniciativa construtiva da imprensa em favor do projeto dos CIEPs que localizei.

Com a chegada da disputa eleitoral para o governo do estado essa colaboração deixou de existir. No final de outubro de 1986, *O Globo* convidou o economista João Paulo de Almeida Magalhães, professor titular da Faculdade de Direito da UFRJ, para analisar os CIEPs. O economista chamou atenção para fatos já mencionados por outros críticos, como: a falta de investimentos nas demais escolas e instituições estaduais, a localização dos *Brizolões*, que, segundo ele, atendiam aos critérios da propaganda e não a necessidades reais; porém, também chamou atenção para outro aspecto até então pouco percebido: os altos custos com a manutenção dos CIEPs.<sup>45</sup>

Mesmo com tantas críticas e até com a derrota eleitoral de Darcy em 1986, o projeto dos CIEPs ainda desfrutava de muita popularidade. Além de algumas manifestações que já citamos para ilustrar essa afirmação, a defesa dos *Brizolões* por membros do Centro Estadual dos Professores, forma como o sindicato era denominado na época, e por professores também atestam essa popularidade:

<sup>43</sup> O GLOBO, 17/08/1986, 1º caderno/ Grande Rio, p. 22

<sup>44</sup> O GLOBO, 1º caderno/ Grande Rio, 17/08/1986, 1º caderno/ Grande Rio, p. 22

<sup>45</sup> O GLOBO, 31/10/1986, 1º caderno / O País, p.8.

O CEP não é contra o CIEP, quer apenas discutir a forma como vem sendo implementado. O governo no seu Plano de Desenvolvimento Econômico de 1983, disse que ouviria os diversos setores da comunidade antes de implementá-lo; não fomos ouvidos em momento algum.<sup>46</sup>

O Centro Estadual dos Professores (CEP), portanto, reconhecia as qualidades do projeto dos CIEPs. Eles, no entanto, criticavam a prioridade que o governo do estado dava a essa rede de ensino e a falta de diálogo com a categoria. Todas as professoras e o professor que entrevistei para a minha pesquisa, entre os quais constavam sindicalistas, professores da rede regular, professores de CIEPs e membros do corpo administrativo da secretaria de educação, também foram unânimes em apontar o projeto dos CIEPs como a maior iniciativa política educacional brasileira do período posterior à ditadura militar.

Se o diálogo cobrado pelo Centro Estadual dos Professores (CEP) acima, entre governo, sindicato e professores, fosse realmente viabilizado, dificilmente o projeto dos CIEPs seria descartado pelos governos de Moreira Franco, em 1987, e de Marcelo Alencar, em 1995. O governo trabalhista errou ao apostar em sua autossuficiência na implementação do projeto e o sindicato e os professores ao não defenderem a continuidade dos *Brizolões* nos governos que sucederam Brizola. Todos perderam.

## Os CIEPs e as eleições

Os CIEPs foram amplamente utilizados em vários momentos eleitorais como o carro chefe das campanhas de Brizola, Darcy e dos pedetistas como um todo. Esse foi, aliás, um dos pontos negativos do projeto segundo vários especialistas que o analisaram, caso de Helena Bomeny (2007), Libânia Xavier (2016) e Ana Maria Cavaliere (2003).

Os principais veículos de imprensa sempre procuraram se contrapor a esse posicionamento, procurando descaracterizar o projeto dos CIEPs e os projetos trabalhistas como um todo. Em determinados momentos, como na eleição de 1986, essas intervenções da imprensa tiveram o efeito desejado e influíram decisivamente no resultado do pleito. Em outros momentos, apesar de toda a intensidade e virulência do discurso midiático, os trabalhistas venceram com folga, caso da eleição municipal de 1985 e, posteriormente, na segunda eleição de Brizola para o governo do estado, em 1991.

---

<sup>46</sup> O GLOBO, 1º caderno/ Grande Rio, 17/08/1986, p. 22.

O cientista político Fernando Lattman Weltman explica essa variação de resultados chamando atenção para a questão da recepção do discurso midiático, para a forma como os leitores, ouvintes ou telespectadores processam as informações transmitidas pela imprensa. Para esse pesquisador entender os mecanismos de busca de informações políticas por parte dos cidadãos comuns é tarefa das mais importantes (WELTMAN, 2018, p. 243).

Segundo Weltman (2018, p. 241), os militantes buscam notícias para ratificar a sua ideologia, podem, portanto, ratificar ou descartar as opiniões da mídia sem grandes problemas; enquanto o cidadão comum, muito menos propenso a esse processo de conhecimento, leva em consideração outros fatores para estabelecer a sua escolha: “outras percepções e atalhos cognitivos poderiam pesar mais na decisão do voto”.

Para Weltman, que estudou, entre outros processos políticos, a vitória eleitoral de Dilma Rousseff em 2014 em meio à grande oposição da imprensa brasileira, as mídias se partidarizam em momentos em que não conseguem mudar a opinião pública:

Por que justamente no momento em que possivelmente se observa o mais alto grau de engajamento (proto)partidário contra um determinado grupo político – e em que, supõe-se, eles teriam atingido elevado nível de interferência no jogo – isso não se traduz em resultados eleitorais congruentes [...]? (WELTMAN, 2018, p. 243).<sup>47</sup>

A mídia não conseguiu derrotar Saturnino em 1985 e não foi a causa da derrota eleitoral de Darcy em 1986, apesar de sua intensa partidarização. O que determinou a eleição de Moreira Franco em 1986, assim como a de vários outros governadores do PMDB em todo o país, foi o Plano Cruzado, posto em prática pelo Presidente José Sarney. Vencer a inflação naquela conjuntura parecia, aos olhos da população brasileira, muito mais urgente e relevante do que qualquer outro projeto, inclusive o dos CIEPs. O Plano Cruzado, apresentava-se, portanto, como um desses atalhos cognitivos de que fala Weltman. Sarney e seus aliados ofereceram um espetáculo de prestidigitação para o problema da inflação e acabaram iludindo todo o país.

É necessário destacar, por fim, que apesar de opor-se a linha editorial de alguns veículos da imprensa, Brizola jamais ameaçou ou tentou impor limites à liberdade de expressão ou a própria democracia, “no caso do Novo Trabalhismo, exatamente por estar se constituindo em torno da

---

<sup>47</sup> Mesmo na eleição de 2022, quando a maior parte dos veículos de imprensa estiveram ao lado do candidato Luís Inácio Lula da Silva, esse apoio também não significou uma vitória fácil. O candidato do Partido dos Trabalhadores teve menos de 2% de vantagem sobre o seu adversário, Jair Bolsonaro.

liderança de Brizola, a preocupação em firmar compromisso com a institucionalidade democrática foi bastante enfatizada” (SENTO-SÉ, 2004, p. 59).

Segundo depoimento do próprio Brizola, em 1993, ele desejava impor limites legais a atuação das Organizações *Globo* e não a censurar:

Aqui no Rio de Janeiro foi quase um milagre a minha eleição enfrentando a Globo, que se parcializa quando não se pode parcializar. Ela tornou-se uma força avassaladora extremamente prejudicial ao país. Por isso digo que o país não conseguirá sair da crise, das dificuldades em que se encontra, sem pôr limites, sem colocar esse poder avassalador no seu leito lógico e natural. Não preconizo, censura, preconizo uma legislação e autoridades públicas que se disponham a cumprir o dever de controlar, de aplicar a legislação e de fiscalizar (BRIZOLA, 1993, *apud*: RODRIGUES, 2008, p. 76).

Para a pesquisadora Mônica Rodrigues essa postura de Leonel Brizola foi importante para a consolidação das ideias democráticas no Brasil naquele período final da ditadura e de abertura política:

A capacidade dos cidadãos e dos políticos de estabelecer essas cobranças, e até mesmo de duelar com a imprensa livre, constitui o maior legado de uma democracia. Quando ela realmente existe, não há político nem imprensa intocável (RODRIGUES, 2008, p. 89).

Brizola, portanto, foi um político que soube usar como poucos a imprensa. Ele fazia uso desses veículos para difundir as suas realizações e ideias, para combater os seus inimigos e até para responder a uma parte da própria imprensa que lhe criticava. Sempre respeitando o sistema democrático e a existência de opiniões e grupos políticos diferentes dos seus.

## À título de conclusão

A imprensa escrita teve uma importância fundamental nos debates públicos ocorridos no final do século XX, principalmente os jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil*, periódicos que eram os de maior circulação no estado do Rio de Janeiro e, em alguns momentos, em todo o país. Além disso, esses veículos também contavam com a colaboração de grandes jornalistas, escritores e intelectuais brasileiros daquele período. Ou seja, tratava-se de duas arenas de discussões políticas das mais importantes em nível nacional.

Manter um diálogo democrático de alto nível com esses veículos era tarefa das mais relevantes para qualquer tipo de governo, principalmente para governos de cunho progressista, como o de Leonel Brizola e Darcy Ribeiro durante a década de 1980.

Brizola e Darcy não se esquivaram do debate, utilizaram as próprias páginas dos jornais para se defenderem das críticas das quais eram acusados e para promover os seus projetos e até atacar os redatores desses veículos e seus proprietários.

Para se ter uma noção de como essa estratégia foi relevante faz-se necessário compararmos com a postura de outros governos progressistas que estiveram no poder mais ou menos na mesma época. Paulo Freire, por exemplo, foi secretário de educação na cidade de São Paulo poucos anos depois, entre 1989 e 1990. O patrono da educação brasileira simplesmente se negou a dialogar com os principais veículos de imprensa da capital paulista, *Folha de São Paulo* e *Estado de São Paulo...*, porque, segundo ele, esses veículos sempre distorciam os seus projetos, propostas e falas (FREIRE, 2000, p. 9). O educador pernambucano limitava-se a dialogar apenas com os jornais da imprensa operária e acadêmica.

Não se pode criticar as razões e a estratégia utilizada por Paulo Freire, os ataques que sofreu foram covardes e vis. O que se deseja é enaltecer a coragem e a perspicácia dos políticos trabalhistas fluminenses, Leonel Brizola e Darcy Ribeiro, que não tiveram medo de jogar no ataque mesmo dentro do campo, ou melhor, das páginas dos jornais dos adversários.

### Referências bibliográficas:

AMORIM, Paulo Henrique; PASSOS, Maria Helena. **Plim Plim**. A peleja de Brizola contra a fraude eleitoral. São Paulo: Conrad editora do Brasil, 2005.

BOMENY, Helena. Salvar pela escola. Programa especial de educação. **Sociologia, problemas e práticas**, n.55, 2007, p. 41-67.

CAVALIERE, Ana Maria Vilela; COELHO, Lígia Martha. Para onde caminham os CIEPs? Uma análise após 15 anos. **Cadernos de pesquisa**, n.119, p. 147-174, julho. 2003.

FREIRE, Américo. “Novo sindicalismo e movimentos sociais” In: FERREIRA, Marieta Moraes. **A FORÇA DO POVO. Brizola e o Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: ALERJ, CPDOC, FGV, 2008.

FREIRE, Américo; AZEVEDO, Flávia. Intervenção política, imprensa e democracia: os tijolos de Leonel Brizola. **Anos 90**. Porto Alegre: v.18, n.33, p.15/40, jul. 2011.

FREIRE, Américo; FERREIRA, Jorge. **A razão indignada. Leonel Brizola em dois tempos (1961-1964 e 1979-2004)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 2000.

JEANNENAY, Jean-Noel. A mídia. In: REMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1996.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PYNSKI, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. P.111-153.

PAIVA, Vanilda. O populismo e a educação no Rio de Janeiro. In: **EDUCAÇÃO E SOCIEDADE**. Rio de Janeiro: n.22, Set/Dez de 1985.

RODRIGUES, Mônica. “Imprensa: uma relação de amor e ódio”. In: FERREIRA, Marieta Moraes. **A FORÇA DO POVO. Brizola e o Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: ALERJ, CPDOC, FGV, 2008.

SENTO-SÉ, João Trajano. **Brizolismo**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; Editora FGV, 1999.

SENTO-SÉ, João Trajano; SOARES, Luiz Eduardo. **ESTADO E SEGURANÇA PÚBLICA NO RIO DE JANEIRO: DILEMAS DE UMA APRENDIZAGEM DIFÍCIL**. Disponível em: [www.ucamscesc.com.br/arquivos/](http://www.ucamscesc.com.br/arquivos/). 2000.

SENTO-SÉ, João Trajano. As várias cores do socialismo moreno. **Anos 90**, Porto Alegre, v.11, n.19/20, p. 49/76, jan/dez 2004.

WELTMAN, Fernando Latmann. Desventuras da influência política midiática no Brasil pós-1988: uma teoria da demanda por informação política. **OPINIÃO PÚBLICA**. Rio de Janeiro. V 24, n.2 Jan/Mar, 2018.

XAVIER, Libânea. Das Brizoletas aos Brizolões: a educação pública nos governos Brizola. In: FREIRE, Américo; FERREIRA, Jorge. **A razão indignada. Leonel Brizola em dois tempos (1961-1964 e 1979-2004)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

## Fontes:

**JORNAL DO BRASIL** - Período de 31 de julho de 1979 a 20 de novembro de 1986.

**O GLOBO** -Período de 19 de março de 1979 a 20 de novembro 1986. - Exemplares avulsos sobre os CIEPs: 12 de agosto de 1985, 26 de agosto de 1985, 17 de agosto de 1986.

Recebido em: 20.12.2022

Aprovado em: 01.04.2023